

A DIMENSÃO DA PESQUISA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Laura Noemi Chaluh

Eixo 1 - Formação inicial de professores para a educação básica
- Relato de Pesquisa - Apresentação Oral

Neste trabalho socializo alguns resultados produzidos a partir de uma pesquisa (em andamento) que objetiva compreender os processos formativos desencadeados em um grupo de alunos de um curso de Pedagogia. Estes participam de um projeto de extensão no qual buscamos considerar o cotidiano escolar como espaço formativo e como objeto de estudo; refletir sobre a organização do trabalho pedagógico na escola e promover situações que possibilitem vivenciar o trabalho coletivo. Essas ações estão atreladas a outros dois espaços de formação dos quais esses alunos também participam: um projeto de pesquisa desenvolvido em escolas de Ensino Fundamental I e da Educação Infantil e um curso de extensão oferecido para educadores da rede municipal de ensino. Problematico aqui, a partir das análises dos escritos produzidos pelos alunos, a potencialidade e contribuições da dimensão da pesquisa para pensar na constituição desses alunos enquanto futuros educadores. A investigação desenvolvida por mim, de orientação sócio-histórica, assume uma perspectiva dialógica ao promover a formação de todos aqueles que dela participam. Analiso os escritos dos alunos a partir do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989). Palavras-chave: formação inicial, pesquisa, cotidiano escolar

A DIMENSÃO DA PESQUISA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Laura Noemi Chaluh. UNESP. FAPESP

Do projeto de extensão

Neste trabalho, socializo alguns resultados produzidos a partir de uma pesquisa que objetiva compreender os processos formativos desencadeados em um grupo de alunos de um curso de Pedagogia de uma universidade pública do interior do estado de São Paulo e que participam de um projeto de extensão, coordenado por mim e que iniciou suas atividades no ano de 2010. Nesse contexto, procuramos considerar o cotidiano escolar como espaço formativo e como objeto de estudo e refletir sobre a organização do trabalho pedagógico na escola. Essas ações estão atreladas a outros dois espaços de formação dos quais esses alunos também participam: um projeto de pesquisa e intervenção desenvolvido em escolas de Ensino Fundamental I e um curso de extensão oferecido para educadores da rede municipal de ensino da cidade onde a universidade está localizada. Isso possibilita que os alunos tenham a possibilidade de vivenciar a complexidade da escola e seus atravessamentos. A possibilidade de viver esse cotidiano escolar a partir da inserção na escola ou de estar em contato direto com educadores possibilitou iniciar os alunos no exercício da docência e da pesquisa.

Acerca do projeto de extensão, os encontros acontecem semanalmente e é nesse espaço que os alunos têm a possibilidade de: socializar as experiências *vividas* na escola junto com a professora ou com o grupo de educadores em exercício que participavam do curso de extensão; de fazer leituras e discussões a partir de textos cujas temáticas são escolhidas em função das discussões geradas no grupo; de iniciar a prática do registro sistematizando observações e reflexões sobre o acontecido nos encontros do projeto de extensão (em caderno coletivo) e sobre os acontecimentos *vividos* na escola e/ou no curso de extensão (registro pessoal); de fazer coletivamente análise dos registros pessoais.

A pesquisa, de orientação sócio-histórica (FREITAS, 2003; AMORIM, 2004), perspectiva dialógica, considera a pesquisa como uma relação entre sujeitos, na qual a interação assume um papel fundamental na constituição das subjetividades. Nesse sentido, o critério desta pesquisa é a participação tanto do investigador quanto do investigado, pesquisador e pesquisado refletem, aprendem e ressignificam-se no processo de pesquisa. Assim, sou pesquisadora do projeto de extensão que eu mesma coordeno, o que implica pesquisar a minha própria prática como formadora.

Neste trabalho, problematizo, a partir das análises dos escritos produzidos pelos alunos, a potencialidade e contribuições da dimensão da pesquisa para pensar na constituição desses alunos enquanto futuros educadores. Analiso os escritos dos alunos a partir do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989).

Considero que a dimensão da pesquisa pode contribuir para a construção de um olhar e de uma escuta que possibilitam assumir uma postura investigativa tendo como foco a humanização dos sujeitos em formação.

A pesquisa na formação inicial: produção científica

Neste artigo, como já referido, procuro ampliar a compreensão do sentido da dimensão da pesquisa no processo de formação de futuros professores. Interessada por conhecer experiências formativas que levassem em consideração a pesquisa na formação inicial, especificamente no contexto da extensão, já que esse é meu objeto de estudo, fiz um levantamento bibliográfico de artigos da ANPEd (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) no período 2000-2011, tendo como foco o Grupo de Trabalho Formação de Professores (GT 8). Ao todo encontrei sete artigos no referido GT (VELAZQUEZ; ZAMORA & GARCÍA, 2000; MORAES, 2001; JORDÃO, 2004; FONTANA, 2007; ROSA; CARDIERI; TAURINO, 2008; RAUSCH, 2009; 2010), sendo que nenhum dos artigos referenciados socializam experiências no âmbito da extensão.

Resgato aqui três dos artigos cujos autores, a partir de suas próprias experiências, discutem a dimensão da pesquisa no contexto de cursos de graduação: Rosa, Cardieri e Taurino (2008) e Rausch (2009, 2010).

Rosa, Cardieri e Taurino (2008) trazem o percurso histórico dos estudos e investigações acerca dos saberes do professor e da formação docente ao longo da década de 90, e explicitam que isso foi possível a partir das contribuições de teóricos que destacam a dimensão da pesquisa na prática docente como uma instância fundamental:

No plano internacional, destacam-se as reflexões de Donald Schön sobre a formação de profissionais reflexivos; de Antonio Nóvoa que defende uma diversificação dos modelos e das práticas de formação que valorizem o saber próprio do professor e de sua condição de protagonista na implementação das políticas educativas; da educadora portuguesa Isabel Alarcão que aponta a necessidade de que o professor seja um profissional reflexivo, levantando dúvidas e questionamentos que emergem em sua prática cotidiana; de Keneth Zeichner, que defende o exercício de uma pesquisa próxima à realidade do professor que atua em sala de aula, ou na escola. Somam-se a essas vozes as preocupações de Phillipe Perrenoud (p. 1).

As mesmas autoras dialogam com autores brasileiros que contribuíram teoricamente para pensar na pesquisa no âmbito da formação de professores. Assim, elas fazem referência a Pedro Demo, que afirma o caráter formador da atividade de pesquisa; a Corinta Geraldi, que promoveu o desenvolvimento da pesquisa-ação entre grupos de professores; a Marli André, que sugere a prática da pesquisa docente através da colaboração entre pesquisadores da universidade e professores da rede pública e ainda explicitam a contribuição de Menga Lüdke, que tem se dedicado à investigação sobre a prática de pesquisa no percurso de formação de professores da educação básica (ROSA; CARDIERI; TAURINO, 2008).

As autoras comentam que a partir de uma reflexão coletiva no curso de Pedagogia, ao qual elas estavam vinculadas, foi elaborada uma nova proposta curricular e pedagógica, o que implicou mudanças. Segundo as autoras, a incorporação da prática de pesquisa ao currículo de Pedagogia da instituição foi um elemento que possibilitou a transformação da cultura do curso que começou a enxergar com maior clareza o “objetivo pedagógico de articular teoria e prática” (p. 6), observou-se um gradual amadurecimento do grupo de docentes envolvidos com os trabalhos de pesquisa, tanto daqueles que ministram as disciplinas vinculadas à pesquisa (Seminários de Pesquisa I e II) como daqueles que colaboram na orientação de bibliografia, no processo de acompanhamento e avaliação final nas bancas de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Rausch (2009, 2010) socializa sua experiência enquanto professora orientadora de TCC e mostra o processo de reflexividade vivido por seus alunos ao desenvolver as pesquisas vinculadas aos TCC. Ela salienta que foi frente à compreensão da teoria em estudo e da necessidade de relacioná-la aos dados em suas análises que os alunos alcançaram um maior nível de reflexão. A partir disso, a autora enfatiza a importância da articulação entre teoria e prática na formação inicial de futuros professores:

Percebemos que a necessidade de articular teoria e dados na pesquisa foi um processo que provocou um salto qualitativo na forma de refletir das acadêmicas. Esse movimento continuado, sistemático e crítico permitiu mostrar que a indissociabilidade entre teoria e dados induz a uma nova reflexão, a uma re-análise constante, o que resulta em nova teoria. Isto nos leva a crer que sem construtos teóricos relacionados à prática torna-se difícil o desenvolvimento do processo de reflexividade (RAUSCH, 2009, p. 12-13).

Entretanto, Rausch (2009) destaca que no curso de formação inicial a pesquisa ainda não se configura como princípio formador na medida em que são poucas as atividades promovidas e que propiciem o contato com a investigação. A prática da

pesquisa na formação inicial oferece elementos para problematizar, questionar e avaliar sua prática e o contexto no qual está inserida, tendo como intencionalidade a busca pela autonomia e responsabilidade (RAUSCH, 2010). Segundo a autora, “incluir o TCC não basta. É preciso que outras atividades correlatas sejam desenvolvidas durante toda a formação inicial de professores, [...] Na formação inicial de professores é imprescindível que aconteça ensino com pesquisa” (p. 14).

A partir das discussões aqui apresentadas, destaco a urgência de pensar na dimensão da pesquisa como instância que possibilita enxergar e viver a indissociável relação teoria e prática de forma ampla.

Outras perspectivas

Trago as contribuições de Zeichner e Liston (1998), que têm trabalhado com um programa de formação de professores em uma proposta de “enseñanza reflexiva” (p. 263), que objetiva maior autonomia do docente e maior participação democrática na gestão da educação. Nesta afirma-se a necessidade de que os professores reflitam sobre as origens, propósitos e consequências de suas ações, assim como os condicionamentos e estímulos materiais e ideológicos que podem vir a surgir na sala de aula e na escola ou nos contextos sociais onde eles estejam inseridos

A presença da investigação no referido programa de formação objetiva que os alunos possam situar as escolas, os planos de estudos e a pedagogia nos contextos sócio-históricos, compreender a natureza socialmente construída dos conhecimentos acerca das escolas e ajudar os alunos em formação a assumir práticas que lhes permitam ampliar a sua capacidade de investigar.

No contexto brasileiro, resgato a proposta de Geraldi (1993) que traz sua experiência como docente de um curso de Pedagogia. Segundo a autora, o movimento de articular o ensino com a pesquisa no processo de formação inicial de professores intenciona “tornar a pesquisa parte do processo de formação, porque é constitutiva do seu trabalho como professor” (GERALDI, 1993, p. 8). A partir dessa proposta de articular ensino e pesquisa a autora considerou que além de desenvolver uma pesquisa exploratória inicial, os alunos foram capazes de produzir saberes relacionados com a escola, a aula e o currículo.

A autora destaca que no processo de formação de profissionais da educação, os graduandos têm que entrar em contato com a escola pública brasileira, para que “se debrucem sobre ela como objeto de conhecimento capaz de compreendê-la nas suas determinações históricas” o que possibilitará que no seu trabalho profissional, almejem construir uma escola pública democrática (GERALDI, 1993, p. 4).

Geraldi (1993) destaca a importância da inserção dos alunos, futuros professores, na escola, apontando a necessidade de construir uma escuta e um olhar atentos para assim compreender a *trama* pela qual a escola vai se construindo:

captar as vozes desses sujeitos, além de ajudar a compreender os processos desencadeados, acima de tudo auxiliam a compreender a *trama* em que se constrói a escola, a fim de detectar as possibilidades de ação política e pedagógica na escola pública, na busca de suas possibilidades de transformação (p. 411).

Como debruçar-nos para compreender a *trama* de fios tecidos na escola? Trago as considerações de Freire (2005) já que ele explicita um possível caminho para abordar o objeto que nos desafia no processo de conhecimento. Segundo o autor,

“Tomar distância epistemológica” significa tomar o objeto em nossas mãos para conhecê-lo; no cerco epistemológico, para melhor me apropriar da substancialidade do objeto, procuro decifrar algumas de suas razões de ser. No “cerco epistemológico” não pretendo isolá-lo para apreendê-lo em si; nessa operação procuro compreender o objeto no interior de suas relações com outros (p. 74).

Estar abertos à compreensão do objeto que nos desafia implica curiosidade que, para Freire (2005), é “essa disposição do ser humano de espantar-se diante das pessoas, do que elas fazem, dizem, parecem, diante dos fatos e fenômenos, da boniteza, e feiúra, esta incontida necessidade de compreender para explicar, de buscar a razão de ser dos fatos” (p. 76).

Nessa linha, dialogo com Garcia e Alves (2002), que consideram que as professoras assumem uma “postura investigativa” quando querem “compreender o compreender” de seus alunos, quando buscam explicações para poder saber as razões e os percursos dos seus alunos no processo de aprendizagem, quando não se conformam com o fracasso escolar e percebem que precisam de outras estratégias para atingir os alunos que não avançam de acordo com o que elas esperavam.

É a partir do diálogo com esses autores que enfatizo a necessidade de considerar a pesquisa como uma instância constitutiva do processo de formação de futuros professores. Nesse sentido, assumir “porque professor, pesquisador”, tal como explicitado por Freire (2005), implique refletir, discutir e problematizar acerca da curiosidade.

O que dizem os alunos?

Freire (2005), considera que “a atenção devida ao espaço escolar, enquanto contexto aberto ao exercício da curiosidade epistemológica, deveria ser preocupação de todo projeto educativo sério” (p. 78).

Levando em consideração essa afirmação, os graduandos que participam do projeto de extensão, enquanto alunos-pesquisadores entram na escola e/ou participam do curso oferecido para os educadores sem nenhuma atividade obrigatória *a priori* a ser desenvolvida nesse contexto. É nesses espaços que eles podem efetivamente sentir e experienciar questões relacionadas com o cotidiano escolar. Implica *viver* os acontecimentos, refletindo e aprendendo com eles. Significa enxergar os pequenos acasos que envolvem o dia a dia da escola e compreendê-los.

Dentre as atividades desenvolvidas pelos alunos-pesquisadores na escola, destaco: levantamento de dados relacionados com a estrutura organizativa da escola e análise documental do Projeto Político Pedagógico de modo a contextualizar a escola onde o projeto de pesquisa é desenvolvido; acompanhamento do trabalho pedagógico de uma professora na sala de aula semanalmente, ao longo de um ano; registro e sistematização das observações e impressões dos acontecimentos vividos na sala de aula; colaboração e participação nas atividades propostas pela professora na sala de aula e/ou no planejamento do trabalho pedagógico (sempre que a professora da sala solicitasse). As atividades que desenvolvem no curso, junto com os educadores, relacionam-se com a discussão e reflexão de leituras; registros e sistematização de observações; participação e colaboração no desenvolvimento das propostas elaboradas junto com os educadores. Todas as atividades desenvolvidas têm como objetivo dar início à docência e à pesquisa, considerando esta última como a construção de um olhar e um pensar que levem a uma postura investigativa em relação a determinado acontecimento *vivido* no contexto educacional.

Lembro que é nos encontros semanais do projeto de extensão onde as experiências *vividas* nos outros dois espaços formativos ganham outro patamar, já que são ressignificadas no coletivo, seja narrando a experiência, socializando o registro elaborado, socializando uma escrita, articulando com discussões teóricas, sempre na tentativa de promover uma formação mais humana e responsável. Assim, nos encontros semanais do projeto de extensão paramos para pensar, sentir, discutir, aprender, enfim, pensar o sentido de ser professor e o fazer-se professor com outro professor.

A seguir apresento escritas produzidas pelos alunosⁱ que participaram do projeto para neles compreender o sentido da curiosidade epistemológica, o movimento de reflexão *vivido* no coletivo, tendo como pano de fundo a questão que me move neste

trabalho, que é a dimensão da pesquisa na formação inicial no contexto de um projeto de extensão e sua vinculação com a indissociabilidade da teoria e a prática.

Thays: Os encontros com o grupo nas terças-feiras [projeto de extensão] e nossa atuação na escola [nome da escola] estiveram interligados em um movimento onde a possibilidade de observação do cotidiano da escola instigava a curiosidade por temas e autores que podíamos conhecer melhor nos encontros com o grupo [projeto de extensão], e da mesma forma os encontros com o grupo e os assuntos e inquietações que lá surgem, nos fizeram e fazem querer cada vez mais viver o dia a dia da escola, ser atuante e participar do que teorizamos. Esse diálogo tem sido muito importante por possibilitar uma formação significativa, por podermos ligar temas com acontecimentos, por nos ajudar a relacionar o que lemos, o que refletimos, nossos anseios, dúvidas, curiosidades com o que de fato acontece na realidade de uma escola e portanto acontece na educação também de forma ampla (relatório junho 2011).

Fabiani: Estar em sala de aula me mostrou a realidade da vida profissional, as agruras e felicidades de ser professor, os problemas reais que estudamos de forma teórica nos textos ficaram claros quando se está em sala de aula, os problemas tomam forma [...]. A práxis tornou-se uma simbiose completa em minha mente quando consegui juntar o teórico e o prático, visualizar a realidade é fundamental para uma completa interação e compreensão do que é ser um profissional do ensino. Nada supera o estar lá, presente em sala de aula para compreender nuances que só existem na prática e que como aluno na faculdade é impossível se adquirir somente ouvindo os professores (relatório junho 2011).

Juliane: Além de nossos encontros [projeto de extensão], participamos também do curso oferecido às coordenadores da rede municipal, e foi uma experiência única, pois pudemos conhecer mais sobre a função da coordenação e seus desafios, algo que não veríamos durante a graduação. O curso nos proporcionou ainda, a entrada nas escolas para formar parcerias com as professoras, o que nos permitiu conhecer e viver a realidade escolar, além de trocar experiências com as professoras que nos acolheram. Estar na escola como aluna-pesquisadora foi maravilhoso, pois além de pesquisar sobre a escola, tive a oportunidade de aprender sobre a prática através do contato com a professora e os alunos, podendo também acrescentar algo para eles, o que a meu ver é essencial, pois não estamos lá para apontar os problemas da escola, é preciso estar dentro dela para então buscar alternativas para que seja cada vez melhor. Nesse sentido, pesquisar para mim é contar o que realmente acontece nas escolas, é viver uma experiência e socializá-la, apontando as dificuldades, mas também as possibilidades e potencialidades encontradas naquele ambiente (relatório novembro 2012).

Bruna: Acompanhar o cotidiano da escola, as tarefas da professora, as relações que são estabelecidas na sala de aula e fora dela foi uma experiência muito boa, pois através da releitura de meus registros – escritos após cada ida à escola – consegui (re)pensar conceitos e opiniões sobre a docência, fazer ponte com leituras científicas e enriquecer minha formação docente.

Fazer pesquisa na escola para mim é isso: estar em contato contínuo com os sujeitos que a compõem, fazendo parte da sala de aula, registrando, lendo, estabelecendo relações entre a teoria e a prática,

investigando aspectos que inquietam e refletindo sobre cada sensação que a permanência na escola provoca [...].

Para que este jeito de pesquisar se efetive, é necessário um espaço de socialização de ideias, no qual seja permitido refletir acerca de que cada experiência, além de um trabalho por parte do aluno-pesquisador de registrar os acontecimentos para posteriormente sistematizar o conhecimento que está em construção. O projeto de extensão [nome do projeto] proporciona tudo isso, sem contar no vínculo afetivo gerado entre seus participantes, que torna tudo mais confortável e prazeroso (relatório novembro 2012).

Dani: Com toda essa experiência que obtive durante um ano [...] pude vivenciar muitas coisas, mas dentre essas a pesquisa na escola foi a que mais me chamou a atenção. Quando falo pesquisa me refiro àquela que um professor realiza para descobrir os problemas que envolvem o seu ambiente de trabalho. Pesquisar na escola e querer descobrir o que acontece além das aparências, e para isso o uso de bons teóricos e textos pode auxiliar nessa busca. Mas a pesquisa só ocorre quando o professor procura ter um olhar sensível para os acontecimentos (relatório novembro 2012).

Raquel: Me vejo, desta forma, sim, inserida na escola para fazer pesquisa, uma vez que ao adentrar neste universo ampliamos nosso campo visual, experimentando nossa variada posição caleidoscópica [...]. Realizo uma parceria que promove a formação continuada da educadora que me recebe ao mesmo tempo que contempla a minha formação enquanto graduanda, promovendo assim, muitas vezes um projeto que atenda a realidade dos alunos, visando atividades diferenciadas ao cotidiano da sala de aula, motivando-me e inspirando-me a registrar, escrever e refletir de forma diferente os teóricos introduzidos no projeto, e também pelo olhar diferenciado que adquirimos no dia-a-dia, além das inquietações que se formam a cada vez que nos deparamos com situações engessadas e acomodadas (relatório novembro 2012).

Joseano: Quanto ao nosso papel como aluno-pesquisador na escola, sem dúvida nesse semestre ele foi mais evidente do que nos demais [...]. Por outro lado, quando penso sob a perspectiva de pesquisa para a preparação de aulas ou como diz Freire, quando sou “aprendente”, não paro de pesquisar nunca. A pesquisa não necessariamente tem que resultar num produto (artigo, livro, etc.), pois ela faz parte do processo de construção do conhecimento [...]. O ser humano é pesquisador nessa perspectiva e isso independe de estar na academia ou não. A pesquisa acadêmica é apenas a tentativa de fazer de uma prática inerente à vida um trabalho. Então, nesse ponto de vista seremos sempre pesquisadores, principalmente se estivermos envolvido no processo de ensino-aprendizagem (relatório novembro 2012).

Marcela: Como aluna-pesquisadora posso dizer que estou apenas no primeiro passo, aprendendo o que observar e como fazer algo concreto dessa observação. Pesquisar para mim é procurar enxergar o que a maioria não enxerga. Essa pesquisa dentro da escola se inicia assim, se perguntando “o que acontece por aqui?”, e a partir daí podemos buscar a melhor forma de compreender e interferir em prol de toda comunidade escolar (relatório novembro 2012).

A partir das escritas é possível perceber que os alunos-pesquisadores assumiram o compromisso de estar e ocupar esse lugar no contexto da escola e/ou no curso para

observar e compreender a complexidade da educação na sua singularidade, sem julgamento, sem o “olhar patológico” (ROCKWELL E EZPELETA, 1986). É importante perceber o processo de constituição do seu fazer docente, já que no encontro com os sujeitos da escola, ao ser partícipes da história da escola, tiveram que desenvolver algumas ações, comprometendo-se com a escola e os sujeitos que dela participam, movimento que promoveu a tomada de consciência de ser professor e do sentido da educação.

Destaco aqui os saberes construídos pelos alunos-pesquisadores a partir de sua participação no espaço escolar e no curso junto com os educadores, pois estes apontam alguns elementos que podem ser traçados como encaminhamentos para a promoção de um professor que assuma uma postura investigativa.

A importância da observação do cotidiano da escola, pois o cotidiano *“instigava a curiosidade”*, uma curiosidade por conhecer para melhor compreender o que nesse espaço acontecia. Por outro lado, a necessidade de socializar, de ter um espaço instituído na Universidade para discutir acerca dessa curiosidade. Mas, por sua vez, esse espaço de discussão provocava *“cada vez mais viver o dia a dia da escola, ser atuante e participar do que teorizamos”*. Assim, é apontado um círculo, uma roda viva, um movimento que os envolve na necessidade de serem partícipes de, voltando à escola com mais compreensões e dispostos a novamente ser movidos a se inquietar.

A construção de um olhar sensível *“para descobrir o que acontece além das aparências”*. Mas sabendo que não basta um olhar sensível nesse processo, aparece a importância da questão teórica: *“teóricos e textos podem auxiliar nessa busca”* para ampliar a compreensão e ir além das aparências.

Reconhecer que alguns aprendizados só podem ser apreendidos na escola, que só sendo partícipe da vida da escola, do cotidiano escolar é que podemos ampliar a compreensão de determinadas concepções, *“nada supera o estar lá, presente em sala de aula para compreender nuances que só existem na prática”*.

Destaque no exercício da escrita, a importância de registrar *“após cada ida à escola”*, colocando no papel pensamentos sobre o fazer docente. Escrita que traz reflexões/conceitos/opiniões acerca da docência o que possibilitava *“fazer ponte com leituras científicas e enriquecer minha formação docente”*. Mas, aponta-se um movimento contínuo já que é necessária a releitura dos registros. O aluno-pesquisador se olhando, fazendo o movimento de estranhamento perante aquilo que fazia e pensava e que ficou registrado nas suas escritas, promovendo assim uma postura investigativa sobre si mesmo, se questionando.

Legitimar que os alunos-pesquisadores produzem conhecimentos e que esses ganham vida a partir dos encontros com os sujeitos da escola. Percepção da necessidade de registrar os acontecimentos *“para posteriormente sistematizar o conhecimento que está em construção”*.

A importância da socialização das experiências, o valor das narrativas. A experiência enquanto acontecimento *vivido* e que não podemos desconsiderar, a legitimação de um espaço no qual essas experiências sejam valorizadas e legitimadas, *“no qual seja permitido refletir acerca de cada experiência”*. Isso implica valorizar a vida *vivida*, perceber que não podem ser desconsideradas as experiências enquanto que elas dizem de nossas vidas, dizem de nós, dizem de um sujeito da enunciação.

Acerca da concepção de pesquisa, que surge a partir do encontro com os sujeitos da escola, *“refletindo sobre cada sensação que a permanência na escola provoca”*. E ainda compreender que assumir uma postura investigativa pode estar articulada à formação, uma vez que a parceria instituída na escola, *“promove a formação continuada da educadora que me recebe ao mesmo tempo que contempla a minha formação enquanto graduanda”*. Que concepção de pesquisa é essa? *“Aquele que um professor realiza para descobrir os problemas que envolvem o seu ambiente de trabalho”*. Uma concepção de pesquisa que implica acreditar que enquanto somos *“aprendentes”*, pesquisamos. Uma pesquisa que não *“necessariamente tem que resultar num produto (artigo, livro, etc.)”*, uma pesquisa que talvez não tenha que seguir procedimentos metodológicos rígidos, *“pois [a pesquisa] faz parte do processo de construção do conhecimento”*. Nesse sentido, as considerações dos alunos indiciam que foi no movimento da pesquisa que aprenderam a ter uma postura investigativa e que esta está atrelada à curiosidade epistemológica. Uma pesquisa que se preocupa com saber *“o que acontece por aqui?”*, o que significa compreender a singularidade da escola, o contexto escolar e as tramas e configurações que os sujeitos, que fazem parte dessa e não de outra escola, estão construindo e ainda, de que forma estão promovendo essa construção. Porém, essa concepção de pesquisa não só quer *“saber o que acontece aqui”*, ao contrário, uma postura investigativa que pretende *“buscar a melhor forma de compreender e interferir em prol de toda comunidade escolar”*.

Considero que o movimento de se assumirem enquanto alunos-pesquisadores tem mostrado uma atitude perante a escola e a realidade escolar. As falas socializadas aqui mostram um dos possíveis caminhos para iniciar os alunos na docência e na pesquisa.

Como anteriormente referido, são poucas as produções que efetivamente mostram propostas desenvolvidas junto com os professores em formação e que articulem atividades de pesquisa no âmbito da formação inicial. Considero que o trabalho aqui

socializado traz elementos para afirmar que a dimensão da pesquisa no processo de formação inicial dos alunos é uma instância formativa e que por isso tem que ser considerada ao se pensar na constituição do futuro professor.

Referências bibliográficas

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.

FONTANA, Maria Iolanda. A prática de pesquisa: relação teoria e prática no curso de pedagogia. 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/gt08-2858--int.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

FREIRE, Paulo. **À sombra de uma mangueira**. São Paulo: Editora Olho D'Água, 2005.

FREITAS, Maria Teresa. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, Maria Teresa; JOBIM e SOUZA, Solange; KRAMER, Sônia. (Org.). **Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 26-38. (Coleção questões da nossa época; v. 107).

GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda. Conversa sobre pesquisa. In: ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges (Org). **Professora-pesquisadora: uma práxis em construção**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 105-125.

GERALDI, Corinta. **A produção do ensino e pesquisa em educação**. Estudo sobre o trabalho docente no curso de Pedagogia-FE/Unicamp. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

GINZBURG, Carlo. Sinais. Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p 143-179.

JORDÃO, Rosana dos Santos. A pesquisa-ação na formação inicial de professores: elementos para a reflexão. 2004 In: Anped...
Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt08/t0816.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2012.

MORAES, Sílvia Pereira G. de. Do debate no interior da área de prática de ensino às questões centrais do processo de formação de professores, 2001. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/24/tp.htm#gt8>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

RAUSCH, Rita Buzzi. Concepções e experiências em pesquisa de licenciados em conclusão de curso. 2010. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT08-6476--Int.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

_____. A reflexividade promovida pela pesquisa na formação inicial de professores. 2009. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT08-5113--Int.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2011.

ROCKWELL, Elsie; EZPELETA, Justa. Etnografia na pesquisa educacional. In: EZPELETA, Justa & ROCKWELL, Elsie. (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. p. 9-30.

ROSA, Sanny Silva da; CARDIERI, Elisabete; TAURINO, Maria do Socorro. Pesquisa e formação de professores: reflexões sobre a iniciação à pesquisa no curso de pedagogia, 2008. Disponível em:

<<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT08-4717--Int.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2011.

VELAZQUEZ, Gabriela Elizabeth; ZAMORA, María de los Angeles; GARCÍA, Silvia Emilce. El componente de la investigación en los institutos de formación docente: ¿formar docentes investigadores O investigar con los docentes? 2000. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0805t.PDF>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

ZEICHNER, Kenneth M.; LISTON, Daniel P. Formando “Maestros reflexivos”. In: ALLIAUD, Andrea; DUSCHATZKY, Laura (compiladoras). **Maestros. Formación, práctica e transformación escolar**. 2.ed. Buenos Aires. Miño y Dávila, 1998.

ⁱ Meu agradecimento aos alunos que fizeram ou fazem parte do projeto de extensão.